

ASPECTOS DA MODERNIZAÇÃO E DA MODERNIDADE: MODA E IMAGINÁRIO

Anna Laux Suriz, Design Gráfico/UFPel

annalaux@hotmail.com

Carlos Alberto Ávila Santos, Centro de Artes/UFPel

betosant@terra.com.br

Resumo: O presente artigo apresenta resultados parciais da pesquisa de iniciação científica: Aspectos da Modernização e da Modernidade, no período de 1850 a 1950. Discorre sobre como a moda agiu, ativa ou passivamente, na construção do imaginário da modernidade. Exemplifica como isso se refletiu na sociedade da época. Apresenta alguns conceitos relacionados com a temática. Expõe as características da indumentária feminina e a sua relação com as questões sociais e com as técnicas presentes na atmosfera do modernismo.

Palavras-chave: Modernização; Modernidade; Moda; Imaginário.

Introdução:

O termo modernidade foi empregado pela primeira vez pelo teórico francês Charles Baudelaire, para definir uma nova postura do homem frente ao mundo, decorrente da industrialização (TEXEIRA COELHO, 1996). No contexto da segunda revolução industrial, as grandes Exposições Universais tiveram papel fundamental para a divulgação das inovações científicas e técnicas da época, que resultaram na mecanização dos meios de produção (LOYER, 1983). Os requintados espaços erguidos para esses grandes eventos recebiam multidões elegantes. (Figura 1) Nas mostras eram apresentados diferentes catálogos que objetivavam as vendas dos produtos, e propagandeavam, por exemplo: os elementos de arquitetura em estuques em relevo e de estátuas de faiança; os equipamentos do mobiliário urbano fundidos em ferro; os objetos de decoração de interiores (SANTOS et al, 2012). Essas publicações são exemplos do design e da publicidade voltados para o mercado de consumo.

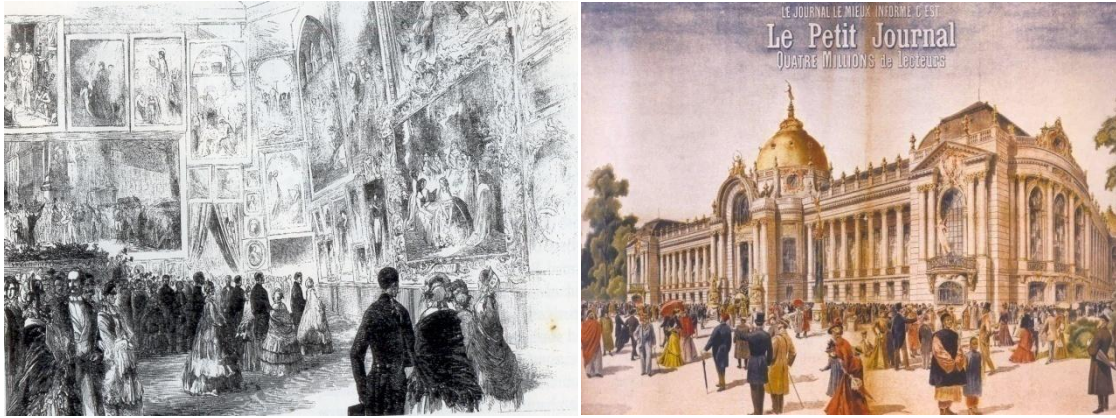


Figura 1: Na imagem à esquerda, 1: A rainha Vitória visita o Pavilhão das Artes, na Exposição Universal de Paris, de 1855. **Fonte:** HOWARD, Michael. **Monet.** New York, Books Corp, 1995. p. 8. Na imagem à direita, 2: O *Petit Palais*, erguido para a Exposição Universal de Paris, de 1900. **Fonte:** CHADYCH, Daniele. **Paris:** a história de uma grande cidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012. p. 101.

Na virada do século XIX para o XX, as manifestações sociais, políticas e operárias ganharam força. Surgiram a fotografia e o cinema e, eclodiram os movimentos artísticos de vanguarda – o impressionismo, o pontilhismo, o fauvismo, o expressionismo e o cubismo – nos quais os artistas não mais buscavam retratar o mundo, mas sim, interpretá-lo, através das obras criadas. Essas novas estéticas pictóricas registraram o pensamento e os novos hábitos da sociedade da *Belle Époque*, e a moda utilizada em diferentes momentos da vida cotidiana – urbana e mundana. (Figuras 2 e 3) Porém, a disputa econômica entre os países industrializados decorreu nos episódios das duas Grandes Guerras, que definiram novas esferas de poder e mudaram a percepção que as pessoas tinham do mundo.



Figura 2: Na imagem à esquerda, 1: O *Café Tortoni*, por volta de 1860, gravura colorida de Eugène-Charles e François Guerard. **Fonte:** CHADYCH, Daniele. **Paris:** a história de uma grande cidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012. p. 89. Na imagem à direita, 2: O baile no *Moulin de la Galette*, Auguste Renoir, 1876 (detalhe). **Fonte:** *Gênios da pintura.* São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. s/n.

A moda acompanha a história da humanidade. Por conseguinte, tornou-se mutável como os tempos modernos e apresentou claramente o rompimento de uma cultura aristocrática e extravagante do século XIX, para o modelo burguês e funcionalista do século XX. Exemplificou as novas temporalidades materializadas na produção, divulgação e consumo. Teixeira Coelho ressalta que é através da moda que os homens se assemelham aquilo que gostariam de ser. Trata-se, portanto, da projeção de uma imagem que expressa os anseios não verbalizados, mas subentendidos. Durante a *Belle Époque*, essa encenação era mais evidente no vestuário feminino, pela grande variedade de elementos que compunham os trajes produzidos. Teixeira Coelho reforça a ascensão da figura da mulher no contexto da modernidade. Afirma que ela usou dos seus direitos e cumpriu até uma espécie de dever. Esforçando-se em parecer mágica e sobrenatural, despertou admiração e fascínio. Como uma espécie de ídolo, devia dourar-se para ser adorada. (Figura 3)



Figura 3: Na imagem à esquerda, 1: Domingo na Grande Jatte, Georges Seurat, 1894 (detalhe). **Fonte: Signac:** le couler de l'eau. Musée des impressionismes Giverny. Giverny: Coédition musée des impressionismes Giverny, musée Fabres Montpellier et éditions Gallimard, 2013.p. 9. Na imagem à direita, 2: O camarote, Auguste Renoir, 1876. **Fonte: Gênios da pintura.** São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. s/n.

A principal vitrine dessa mulher idealizada pelo traje eram os espaços da cosmopolita Paris, a capital cultural da época, onde desfilavam – nos passeios públicos e nos parques, nos teatros, cafés e restaurantes, nas festas e nos bailes, nas cerimônias cívicas – jovens e senhoras com modelos confeccionados por requintados ateliês de moda, como o *Paquin*, na época situado na elegante *Rue de la Paix*. (Figura 4) A metrópole francesa era o modelo da sofisticação, das diferentes tendências e do bom

gosto, símbolo urbano da modernização. Esses aspectos compunham o imaginário da sociedade parisiense, que eram copiados pelo resto do mundo. Moda e imaginário são indissociáveis. Portanto, é possível compreender como esses dois fatores se relacionam acompanhando a evolução da vestimenta feminina, desde a segunda metade do século XIX à primeira do XX.

Construindo o imaginário da moda

Antes de falarmos sobre o universo da moda é elementar que conheçamos o que se entende como imaginário. Segundo Ferreira (1999), imaginário é aquilo que só existe no mundo das ideias, é o ilusório, o fantástico. Imaginação é a capacidade do homem de compor e decifrar imagens. As últimas exploram superfícies que pretendem representar algo, que na maioria dos casos, está além da obra criada, habita o espaço e o tempo. As imagens têm o papel de captar o mundo. No entanto, assim que o indivíduo registra um momento, seja por meio de uma imagem técnica como a fotografia, ou mesmo o guarda como uma memória, faz um recorte da realidade, e com isso subtrai duas das quatro dimensões que compõem o instante flagrado (FLUSSER, 1989). Ou seja, preserva apenas a altura e a largura dos motivos captados, enquanto que a profundidade e o tempo passam a ser decifrados, imaginados.



Figura 4: Na imagem à esquerda, 1: Costureiras deixando o ateliê de moda *Paquin*, Jean Berau, 1900. Na imagem à direita, 2: Cerimônia cívica que celebrou o centenário de nascimento de Victor Hugo, realizada no Panteão. Paris, 26 de fevereiro de 1902, Théobald Chartran, 1904. **Fonte:** CHADYCH, Daniele. **Paris:** a história de uma grande cidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012. pp. 98 e 102.

A moda é o elemento que caracteriza os indivíduos, em cada época. Contemplando muito mais do que diferentes tipos de trajes, exprime um estilo de pensar, de regras morais, de acontecimentos e desejos de quem a veste. A partir da roupa, homens, mulheres e crianças espelham sua posição social. É evidente a diferenciação entre as escalas de poder econômico definidas pelos tipos de tecido, costura, modelos e acessórios utilizados. A indumentária, que em períodos anteriores diferenciava através de leis os nobres e plebeus, com a revolução industrial e a ascensão da burguesia e, ao mesmo tempo, com o declínio dos antigos regimes de governo, ampliou o mercado consumidor dessas peças. Nesse novo contexto, as vestimentas e os acessórios eram criados para esse novo público, cujos indivíduos poderiam pagar por aquilo que desejavam vestir, por aquilo que almejavam parecer.

Foram nos ateliês de costura, nas vitrines das lojas e nas ruas parisienses que afloraram as novas modas, frutos das mudanças sociais e culturais, que eram copiadas pelas sociedades de outras cidades do mundo. (Figura 5) Paris é, ainda hoje, um dos mais importantes centros da moda mundial. A cada ano, grandes estilistas e grifes lançam em diferentes eventos da área suas coleções e divulgam tendências, que milhões de pessoas seguem como padrão. Costuma-se ouvir dizer que a sociedade é ditada pela moda. No entanto, ela é apenas mais um artifício utilizado pelo homem para que ele se assemelhe ao que quer ser. Para que os indivíduos demonstrem o imaginário que criaram de si, e que é vendido aos seus semelhantes.

O elemento que melhor ilustra a construção do imaginário da moda é o conceito de belo, que por vezes tem caráter indefinido. Impregnado de particularidades estéticas, o estudo racional do belo é também influenciado por questões subjetivas, como a emoção, a percepção e o contexto. Considera-se belo aquilo que tem a forma perfeita, harmônica, sublime e agradável aos sentidos (FERREIRA, 1999). Todas essas atribuições são fruto do imagético, que pode ser coletivo ou individual. A citação a seguir, do crítico da arte moderna francesa Charles Baudelaire, reflete a atitude subjetiva da atribuição de beleza:

O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é excessivamente difícil determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva ou combinadamente, a época, a moda, a moral e a paixão. Sem esse segundo elemento, que é como o invólucro apazível, palpitante, aperitivo do divino manjar, o primeiro elemento seria indigerível,

inapreciável, não adaptado e não apropriado à natureza humana. (TEIXEIRA COELHO, 1996, p. 10)

Desse modo, quando nos referimos ao imaginário da moda, buscamos refletir sobre as conotações que os trajes do período pós-industrial geravam para a sociedade na qual estavam inseridos.

Um século de moda

Durante um século de moda, de 1850 a 1950, a indumentária feminina parisiense acompanhou as mudanças sociais, construindo um novo imaginário frente às metamorfoses da sociedade do período. Portanto, analisamos essas transformações em três momentos: de 1850 a 1890, como uma fase conservadora; de 1890 a 1910, como fase de transição; de 1910 a 1950, como fase de construção de um novo pensamento frente ao mundo, interpretado e representado pela moda. As características da indumentária são descritas segundo James Laver (1989).

Na primeira etapa, de 1850 a 1890 – conservadora – predominavam os vestidos e as saias longas volumosas, constituídas de muitos tecidos. A utilização de estruturas de armação de saias, como a crinolina, presente nas décadas de 1850 e 1860. O corpete *cuirasse*, peça justa na cintura que moldava os quadris, peculiarizou os anos de 1870. E a anquinha¹ de Langtry, foi muito usada na década de 1880. Essa última era ligeiramente flexível, pois possuía um pivô que possibilitava que a estrutura se erguesse quando a mulher sentava. O que até então não era possível, uma vez que os outros artifícios eram constituídos por materiais fixos. A silhueta era bem marcada com o uso de corpetes e espartilhos, extremamente justos, que realçavam o quadril e o busto. A tendência pelas saias armadas simbolizava questões relevantes, como: a feminilidade e a fertilidade. O excesso de adornos reforçava o sexo frágil idealizado, como objeto de exposição. A mulher desempenhava um papel passivo na sociedade – ainda vinculado às atividades domésticas. Mas era presença obrigatória nos eventos sociais, para ampliar o charme e a sofisticação das festas organizadas. (Figura 05)

¹ Anquinha: estrutura de armação das saias, que projetava a saia para atrás da quadril. A Anquinha de Langtry consistia em um arranjo de tiras e metal sobre um pivô, ficou conhecida pelo nome de “anquinha saudável”, pois além de ser flexível esquentava menos a coluna.



Figura 5: Too Early, James Tissot, 1873. **Fonte:** <http://www.wikiart.org/en/james-tissot/too-early>

Nas décadas de 1890 a 1910, período de transição entre o século XIX e o XX, percebe-se a frequência constante da mulher nos espaços urbanos. As modificações no vestuário refletiram o nascimento de uma nova mentalidade, os primeiros passos rumo ao estilo da vida moderna propriamente dita. Já no final dos anos de 1880 surgiu o Movimento Traje Racional, que questionava o conforto e apontava a inconveniência e a insalubridade dos trajes da época. Essa postura se fortaleceu no decênio de 1890, com a popularização da prática de esportes. Com isso, na década inicial de 1900 os trajes tornaram-se mais leves, com menos camadas de tecidos. (Figura 6) As estruturas de armação de saias foram abolidas. As silhuetas femininas tornaram-se mais retilíneas. O uso do espartilho foi moderado. Os modelos criados adaptaram-se às atividades específicas, pois aqueles usados nos ambientes domésticos e nas festas não eram apropriados para os passeios nos espaços públicos e, para a prática de esportes.



Figura 6: Moda Feminina, 1909. **Fonte:** <http://goo.gl/dxTYkM>

Dentre os exercícios esportivos, alguns eram aceitáveis para o sexo feminino, como a montaria e o ciclismo. Recentemente inventada, a bicicleta tornou-se extremamente popular na última década do século XIX. Os trajes usados para essas atividades eram confeccionados com tecidos mais resistentes, e possuíam uma estética masculinizada. (Figura 7) Alguns eram acompanhados de gravata e chapéu, e eram alvos de fortes críticas. No entanto, essas práticas não foram abandonadas. Já observamos uma gradativa presença e participação da mulher no meio masculino. Ela tornou-se mais ativa, começando a se inserir no mercado de trabalho. Na virada do século, os vestidos exploraram ousados decotes. Críticas alegavam que esses modelos causavam pneumonia.



Figura 7: Mulheres pedalando, por volta de 1900. **Fonte:** <http://goo.gl/nD1byR>

A terceira fase, compreendida entre os anos de 1910 a 1950, foi rica em acontecimentos extremos, que resultaram na construção de novas ideologias e percepções de mundo. A década de 1910 foi marcada pelo surgimento dos movimentos de vanguarda – o fauvismo, o expressionismo e o cubismo – que questionavam as regras morais conservadoras. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, as mulheres assumiram alguns papéis relevantes, como o gerenciamento dos negócios da família, enquanto os pais, maridos e filhos se ausentaram para lutar no conflito. A produção bélica suplantou outros tipos de fabricações. A moda não sofreu grandes alterações, já que não era considerado de bom tom ostentar mudanças estéticas em um período tão delicado.

Após a guerra, a década de 20 foi de muita extravagância ostentada em múltiplas festas. O circuito da moda ganhou nomes proeminentes, como o costureiro Paul Poiret, que sob influência do movimento *Art Déco*, criou modelos extremamente retilíneos. (Figura 8) As saias tornam-se justas, a ponto das mulheres usarem uma espécie de liga elástica nas canelas, para que não dessem passos maiores do que poucos centímetros, o que implicaria em rasgar as barras das saias.



Figura 7: Paul Poiret e modelo vestindo peça criada por ele. **Fonte:** <http://goo.gl/Y6Lo3J>

Nascia o traje da mulher moderna, retiforme e geométrico. As curvas demarcadas foram abandonadas. A tendência valorizava o estilo menino. As silhuetas longilíneas eram definidas pelos corpetes retos, que pressionavam o busto. As cinturas baixas, na altura do quadril, contribuía para a forma esguia dos corpos. As saias tornam-se mais curtas, alinhadas abaixo dos joelhos. Outra figurinista famosa do período foi Coco Chanel, ativa socialmente e exemplo da mulher moderna. Referência direta do corte de cabelo curto, usado muitas vezes com pequeno chapéu justo, como uma touca. (Figura 9)



Figura 8: Fotografias de Coco Chanel, 1920. **Fonte:** <http://goo.gl/64FYRF>

Observamos que essa década rompeu com a cultura da moda feminina vigente até então. Essas mudanças bruscas do vestuário, obviamente, receberam críticas ferrenhas, principalmente com relação ao comprimento das saias, que afrontava os bons costumes. Porém, os fabricantes de meias se beneficiaram com isso, pois aumentaram significativamente as vendas desses artigos. Enquanto os proprietários das indústrias têxteis preferiam a volta dos vestidos longos, pois passaram a vender menos metragens de tecidos. Projetos de lei chegaram a surgir em algumas cidades, proibindo as mulheres de usarem saias curtas. Porém, essas iniciativas não saíram do papel.

Na década de 30, retornou uma leve demarcação da cintura feminina. Mas, os modelos continuaram basicamente retilíneos. Os vestidos de gala tornam-se longos e ganharam amplos decotes nas costas, inspirados nos trajes de banho – cujas confecções eram bem decotadas – lançados com a popularização dos banhos de sol nas praias. (Figura 9) Graças à grande depressão que atingiu os Estados Unidos e, que também afetou o restante do mundo, observa-se na década uma padronização do vestuário, e a ascensão do *prêt-à-porter*. Ou seja, da roupa “pronta para usar” encontrada nas prateleiras e cabides das lojas. As confecções também passaram a fazer modelos de baixo custo. Por um lado, essas transformações implicaram na diminuição dos serviços prestados pelos elegantes ateliês de costura. De outro, as peças tornaram-se mais baratas e mais pessoas tiveram acesso à moda.



Figura 9: Modelos longos e decotados. **Fonte:** <http://goo.gl/ic7Eln>

Em 1939, o mundo entrou em mais um momento de tensão, com a Segunda Guerra Mundial. A década de 40 apresentou uma tendência do vestuário ao estilo militar. As mulheres assumiram diferentes cargos, como: recepcionistas, telefonistas e

secretárias nos escritórios das empresas comerciais e dos complexos fabris. Novamente precisaram administrar seus patrimônios e continuar os negócios, enquanto os homens eram convocados pelos exércitos. Os modelos, normalmente confeccionados em tecidos mais resistentes, sem adornos, eram compostos por saia com pregas e um casaco curto e justo, com botões e decotes discretos. (Figura 10) Trajes sóbrios e fortes para o momento que as pessoas precisavam também ser fortes. Com o fim da guerra, retornaram os modelos mais delicados, com saias em pregas e rodadas usadas nas campanhas publicitárias, que induziam as mulheres ao antigo papel de responsáveis pelos cuidados do lar.



Figura 9: Modelos da década de 40. **Fonte:** <http://goo.gl/ic7Eln>

Em cem anos de moda, observamos as transformações ocorridas na moda feminina, que incluíram: os trajes criados com grandes volumes de saias, substituídos por modelos mais simplificados e justos; a eliminação das saias de armação, das anquinhas e espartilhos; as silhuetas longilíneas resultantes dos vestidos retilíneos e de cintura baixa; o encurtamento das saias; a simplificação dos conjuntos de saia e casaco justo e curto; a diminuição dos acessórios. Essas metamorfoses resultaram de uma mudança de comportamento e pensamento de uma sociedade que acompanhou o desenvolvimento tecnológico, o estabelecimento do sistema capitalista. Os conflitos bélicos contribuíram para a mudança do papel da mulher frente à sociedade: de uma atitude passiva e idealizada, como rainha do lar, para a sua inserção no mundo masculino dos negócios, na construção de uma nova era, a idade moderna. Teixeira Coelho comenta que nos séculos que nos parecem mais monstruosos e insanos, o

imortal apetite pelo belo sempre foi saciado. A moda foi um dos artifícios que expressou, driblou e enfrentou as inovações e as crises que marcaram o período de 1850 e 1950.

Conclusão:

A modernização se refletiu na modernidade, na nova postura do homem frente ao mundo, nos hábitos inovadores e urbanos da sociedade pós-industrial. As Exposições Universais divulgaram a produção resultante da mecanização. Paris tornou-se o centro cultural do mundo. A cidade foi remodelada. A reforma urbanística respondeu às necessidades de higiene e salubridade dos espaços públicos, semipúblicos e privados, da iluminação das vias e parques por meio da energia elétrica, a mobilização de pedestres e dos diferentes meios de transportes: as carruagens, os inusitados automóveis e os bondes elétricos. Urbanistas de outras metrópoles seguiram o exemplo de Paris para as reformulações das capitais europeias, como: Londres, Viena e Barcelona.

Quando investigamos os fatos que envolveram as mudanças sociais e urbanas, estamos lidando com o imaginário, pois a escolha e a interpretação desses fatos incluem a subjetividade. A pesquisa bibliográfica nos leva à iconografia pertinente a cada época. No nosso caso, as gravuras e reproduções de fotografias e pinturas dos artistas das correntes modernas, que registraram a evolução da indumentária e da vida cotidiana da sociedade parisiense da era pós-industrial. A moda é um meio de expressão que se processa no interior dos indivíduos, e se manifesta na aparência exterior dos mesmos. É uma projeção de imagens idealizadas daquilo que as pessoas almejam “aparentar” para os demais.

De 1850 a 1950, o figurino feminino foi tão mutável quanto às diferentes ideologias que se digladiaram e implicaram nas mudanças das tradições e das regras morais. Em especial, na primeira metade do século XX, cenário de muitas conturbações históricas que definiram os nossos tempos. Os ricos trajes executados com tecidos pesados e volumosos, inconfortáveis e insalubres, evoluíram para os modelos mais funcionais, adequados às novas atitudes e aos novos compromissos que as mulheres foram construindo ao longo do tempo. Uma mudança significativa ocorreu no período, com relação ao papel feminino, que ganhou mais espaço frente ao mundo masculino. A moda e o imaginário são elementos que se transformam junto com a sociedade. Ao mesmo tempo, são artifícios reformuladores dos conceitos e hábitos coletivos.

Referências

CHADYCH, Daniele. **Paris**: a história de uma grande cidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

Gênios da pintura. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

HOWARD, Michael. **Monet**. New York, Books Corp, 1995.

LAVER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOYER, François. **Le siècle de l'industrie**. Paris: Skira, 1983.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila et al. **Elementos funcionais e ornamentais da arquitetura eclética pelotense**: 1870-1931. Estatuária. Artigo, 2012. Disponível em: ecletismoempelotas Acesso em: 12/10/2014.

Signac: le couler de l'eau. Musée des impressionismes Giverny. Giverny: Coédition musée des impressionismes Giverny, musée Fabres Montpellier et éditions Gallimard, 2013.

TEIXEIRA COELHO (Org.) **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna/Charles Baudelaire. São Paulo: Paz e Terra, 1996.